

Alta do dólar e seca prejudicaram alimentos

Gustavo Faleiros

De São Paulo

35

A alta do câmbio foi a principal razão para a queda registrada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na indústria alimentícia. A retração de 5,7% foi atribuída ao impacto do dólar sobre as atividades de moagem do trigo, insumo importado da Argentina.

Além disso, explica o economista da Associação Brasileira da Indústria de Alimentação, Dênis Ribeiro, o setor pode estar

passando por um choque de oferta de laticínios. A seca prolongada reduz a oferta do leite e diminui a produção de seus derivados. A falta de chuvas também estaria afetando a fabricação de conservas de sucos e legumes, afirma Ribeiro.

Apesar desses indicadores de redução da atividade na indústria de alimentos, a Abia discorda do resultado apresentado pelo IBGE para o mês de maio. Enquanto o IBGE registrou uma queda de 5,7%, a Abia calcula um ganho de 7% na produção em re-

lação a abril. Para Ribeiro, o erro está na amostragem do IBGE, que estaria focada predominantemente na agroindústria e não nas etapas mais avançadas de transformação.

Contudo, a comparação entre as taxas acumuladas no ano das duas entidades mostra índices não muito distantes entre si. No caso do IBGE, acrescentando o item bebidas — cuja queda foi de 4,5% em maio — na categoria indústria alimentícia, chega-se a um crescimento acumulado de 1,6% nos primeiros cinco meses

de 2002. O índice da Abia é 1,1%.

Ribeiro afirma que o desempenho do setor neste ano é considerado estável, mas revela que em conversas com associados da Abia ouviu reclamações sobre a dificuldade de realizar vendas em junho. “Sentimos que a economia estava devagar já a partir de maio e com o desemprego e a queda na massa salarial o consumo de alimentos pode estar sendo afetado”.

A previsão para o ano ainda não é exata, mas a entidade espera um crescimento acima de 1,5%

e de no máximo 3%. No acumulado de 12 meses, a partir de maio, a Abia registrou um crescimento de 3%. O ganho de produção, no entanto, só será possível num ambiente econômico estável.

Ribeiro acredita em uma taxa do dólar mais “comportada” e em uma posição mais liberal do Banco Central em relação aos juros. “Não vamos ter uma queda grande dos juros, mas pelo menos uma sinalização de saída para esse frenesi especulativo, e isso vai ajudar a reativar um pouco a economia”.